

IDENTIDADE CULTURAL E PANDEMIA: DISCURSOS E NARRATIVAS LITERÁRIAS.

Iana Gabriele Souza de Andrade¹

Resumo: O artigo tem como objetivo a discussão sobre as identidades culturais no contexto do isolamento social provocado pelo Coronavírus, fazendo considerações sobre a relação do sujeito atravessado pelos discursos que estão sendo produzidos e destacados em pandemia, onde se percebe um deslocamento da rotina dos sujeitos confinado e a saudade dos antigos comportamentos e vivências antes da quarentena, e como isso auxilia para uma mudança na identidade desse sujeito fragmentado por esses acontecimentos. A análise está situada a partir do conceito de identidade cultural na pós-modernidade do teórico Stuart Hall (2006) e a partir das imagens representadas pela literatura enquanto ferramenta de registro do momento vivido. As narrativas são lidas e desenvolvidas por uma óptica multidisciplinar que busca discutir acerca dos discursos produzidos num momento de pandemia.

Palavras-chave: Identidade, literatura, pandemia, cultura.

1 - INTRODUÇÃO

Grandes acontecimentos ocasionam grandes mudanças na sociedade e em seus habitantes em diversas instâncias, sejam elas sociais, econômicas, políticas e no que se refere a conceitos subjetivos. A partir disso, o sujeito que vive nesse espaço tem a sua subjetividade atravessada pelos discursos produzidos por essas mudanças. O discurso é a palavra em movimento, prática da linguagem (ORLANDI, 2001, p.15), a partir da ideia de Lacan de que “o inconsciente é o discurso do outro” compreende-se que nosso inconsciente e psique são atravessados por vários discursos ao longo do tempo e constrói os seus sentidos através deles, haja vista que o inconsciente não é estático, e sim dinâmico, e se atualiza todos os dias a partir de encontros com outros por meio da sociabilidade. Em suma, podemos considerar aqui que esse outro pode ser uma mudança, um acontecimento, e esse por sua vez nos penetra com suas narrativas.

Na esteira das mudanças, o mundo recentemente passou a viver uma pandemia causada pelo coronavírus, que fez com que a população adotasse medidas de prevenção que

¹ Graduanda em letras vernáculas – UCSAL; bolsista FAPESB, e-mail: iana.andrade@ucsal.edu.br

consistem, principalmente, em isolamento social e quarentena, o que modificou toda uma rotina, vivência e hábitos antigos que haviam antes desse “novo normal” forçado.

A partir do isolamento social, da quarentena e do distanciamento daquilo que éramos e podíamos fazer em outrora, tornou-se necessário alterar e ressignificar o modo em que vivemos e nos relacionamos com a realidade física a nossa volta, bem como as questões internas, como os nossos medos, desejos, anseios e questionamentos, uma vez que a mudança desencadeia consequências em diversas áreas de nossas vidas.

Considerando tamanha mudança e necessidade de adaptação, é interessante analisar como esse “novo normal” se comporta em nossa estrutura, em nosso espaço, em nossa cultura e nossa identidade, identidade essa que é múltipla, visto que somos sujeitos fragmentados (HALL, 2006).

Ao longo do tempo a noção de identidade foi alterando-se, de modo que a ideia do sujeito cartesiano que dá conta de tudo e é uno em todas as coisas já não cabe na pós-modernidade, em virtude disso Hall nos aponta um sujeito com identidade múltipla, que se interpela e se identifica com diversos discursos, e assim possui uma identidade que é múltipla também, o que ocasiona uma possível crise de identidade (HALL, 2006, p.7).

A partir disso, o artigo versa análises a partir da seguinte pergunta: considerando que nossa identidade é construída diariamente, alterando-se, e se desestruturando, juntamente com o seu caráter múltiplo, como pensar em mudanças nas identidades culturais quando os sujeitos estão sendo atravessados por um momento de pandemia?

A literatura aqui serve como um instrumento para nos apontar as fragmentações sofridas pelos indivíduos que agora são atravessados por discursos em pandemia, onde toda sua vida foi impactada para sobreviver em meio a uma guerra contra um inimigo invisível. As histórias, ficcionais ou não, auxiliam para que se perceba as novas inquietações vividas pelos sujeitos fragmentados.

2 - A IDENTIDADE CULTURAL

A identidade é aquilo que nos representa, que nos marca e nos individualiza. Ela é uma construção social e histórica, acontece a partir da nossa interação com o meio e com os outros através da linguagem e dos discursos, e assim como os discursos são múltiplos, as

identidades também são múltiplas, fragmentadas, pois não nos identificamos apenas com um discurso, mas com vários. Essa identidade múltipla é construída através do tempo a partir da interação com o meio, John Locke (1689) através do empirismo britânico defende o conceito de "tabula rasa" o qual o homem seria uma folha em branco e todo o conhecimento provém da experiência. Dessa forma se percebe que a identidade não é inata e sim empírica, e são nessas experiências que efetuamos os encontros responsáveis pela construção do nosso "eu" que é edificado dia após dia, posto que a identidade não é completa e concluída, ela está sempre em construção. Sobre as identidades Hall destaca que:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". (HALL, 2006, p.38)

Olhando de uma forma mais ampla, percebemos que nossa identidade é constituída a partir da cultura a qual estamos inseridos, de forma que se a cultura tende a se alterar, algo em nossa identidade pode se desestruturar. O conceito de identidade cultural é aquilo que representa uma cultura, como os costumes, tradições e trejeitos. A partir dessa identidade cultural formamos a nossa identidade pessoal, pois os discursos que nos atravessam para a formação do nosso eu pertence ao imaginário coletivo² pertencente ao espaço que ocupamos.

Ao longo do tempo, todas as transformações sociais que ocorrem no espaço ao qual o sujeito estava inserido influenciaram diretamente em sua identidade; na idade média, a mentalidade do homem medieval era persuadida pelos acontecimentos daquele período onde a igreja e o clero ditavam os comportamentos, e assim os conceitos empregados ficaram registrados no inconsciente coletivo dos cidadãos por meio da cultura da época, construindo e castrando os cidadãos; o homem do renascimento tem a sua identidade impactada pelas descobertas científicas e pela ideia do homem cartesiano que se pauta exclusivamente pela razão, aquele que é unificado em todas as coisas e por ser pensante, possui a totalidade das coisas, acreditando ter uma identidade firmada e concreta. Contudo, na pós-modernidade, onde o mundo é globalizado e temos acesso a mais de uma identidade cultural, dado que podemos nos relacionar com mais de uma cultura, o homem já não se percebe tão unificado

² O imaginário coletivo é um conjunto de símbolos, conceitos e memórias de um grupo de indivíduos pertencentes a uma comunidade específica.

assim: há mais de um discurso atravessando a sua identidade, há mais de uma representação causando significado em suas vivências. Dessa forma, temos um sujeito de identidades múltiplas, onde seus discursos se atravessam e se confrontam diariamente, sendo agora um sujeito fragmentado.

Sobre as identidades fragmentadas Hall aponta que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p.9)

Hall neste parágrafo discorre sobre as transformações sofridas no final do século XX, questiona-se a identidade do sujeito pós-moderno que sofre um deslocamento de “si” mesmo, pois o seu local no mundo social e cultural sofre algumas desestruturações. Esse sentimento do sujeito fragmentado pela pós-modernidade ou pela modernidade tardia pode servir como um norte quando pensamos nas mudanças de identidade que a pandemia nos traz, pois aquilo que costumávamos ser teve que ser deslocado para outra coisa.

Pensemos hipoteticamente na rotina de uma pessoa que era muito ativa nos espaços da cidade antes da pandemia: ela frequentava muitos bares, restaurantes, cinemas, museus, ia a muitas festas e encontros, trabalhava em uma empresa com um escritório só para ela, tinha uma vida ativa na urbe. Todavia, agora ela vive em pandemia, isolada em sua casa, impossibilitada de ser a mesma pessoa de antes: seu escritório agora é no seu lar; suas visitas à restaurantes transformou-se em um pedido pelo *delivery*; seus encontros foram relocados para chamadas de vídeos ou mensagens de texto. A partir dessas mudanças, nota-se que os nossos atos estão sendo alterados, influenciando assim no fato de que a nossa identidade também está sendo fragmentada, adaptada e ressignificada, levando em conta o fato de que estamos passando por um processo de transformação social para sobreviver a uma pandemia grave do covid-19.

Para que se perceba o impacto dessas mudanças em nossa cultura, em nossas representações e em nossos discursos é necessário entender as principais mudanças e impactos nas novas rotinas do isolamento social. A partir das crônicas produzidas em pandemia, destaca-se aqui as discussões voltadas a nova percepção do tempo, o

estranhamento que o sujeito confinado sente ao sair de casa e as novas formas de relacionamentos através das telas virtuais.

2.1 - OS DISCURSOS DA PANDEMIA E A LITERATURA

Refletindo sobre as grandes alterações do modo de viver e de como o sujeito está se relacionando com o mundo a sua volta nesse momento de pandemia, nota-se que uma das coisas que foram afetadas é a nossa percepção do tempo. Isolados em casa e sem acesso a cidade que está isolada também, os dias parecem os mesmos. Piscamos os olhos e a semana já se passou, o mês já encerrou e perdemos a noção do tempo. Sobre essa questão o antropólogo do tempo Félix Ringel expõe:

A crise atual, como muitas outras, pode ser vista como uma privação de nossa “agência temporal” – a capacidade de estruturar, gerenciar e manipular nossa experiência do tempo. Por exemplo, muitos de nós já devem ter perdido a noção do tempo, e se perguntando em que dia da semana estamos. Parece um pouco como se o tempo tivesse parado. (RINGEL, 2020, p.1)

Nesse contexto, a escritora Marilene Barbosa de Freitas, em sua crônica intitulada de “vinho e pandemia” enfatiza como a pandemia alterou a nossa percepção do tempo:

Que dia é hoje? Segunda? Terça? Não sei mais identificar quais são os dias da semana. Isso também não importa. Trabalho, estudo, cozinho, cuidado das plantas, do filho. Hora do noticiário... então percebo que o mundo está lá fora, tentando buscar um caminho. (FREITAS, 2020, p.77)

A partir da ideia temporal, relacionamos essa compreensão a nossa identidade, no sentido de que somos aquilo que pensamos, sentimos e percebemos em relação as coisas. Isso é algo singular e coaduna-se com os repertórios já existentes em nossa psique sobre as ideias que temos em relação ao tempo, bem como a relação com a nossa rotina, e a forma que produzimos em relação às horas, de sorte que tudo refletirá em nossa identidade.

Perceber o tempo se refere também as questões da subjetividade, pois essa percepção é interferida pelos acontecimentos das nossas vidas, assim, sentimos e atribuímos significados em nossa psique.

A próxima discussão versa sobre o estranhamento de sair de casa durante a quarentena. No isolamento, presos em casa, alguns indivíduos apesar de estarem ansiosos para voltar às suas vidas anteriores, parecem esquecer de como é o mundo fora de casa, de como é andar nas ruas, encontrar com pessoas ou ter que adentrar em estabelecimentos. Essa é uma das consequências da quarentena prolongada, o sujeito encontra-se um tanto desorientado a respeito do mundo que de certo modo deixou para trás. A crônica “entre máscaras” da escritora Taíssa Hallais Veríssimo narra uma história dessas, onde o namorado da personagem sente febre e ela precisa ir à farmácia comprar seu medicamento. Na crônica é narrado o quanto a personagem sente um estranhamento ao sair de casa:

Ao cruzar o portão percebo que o mundo tal como eu conhecia mudou. As ruas parecem cenário de alguma série de zumbis. Poucos carros, lojas fechadas e os pedestres usando máscaras de pano ou descartáveis, os olhos tensos, o passo apressado. (HALLAIS, 2020, p.98)

O estranhamento retratado no conto pode dizer a respeito também desta nova forma de viver pautada na tecnologia: o nosso trabalho, estudo e lazer estão agora a mercê das telas. Essa nova forma de viver e de se socializar deixará marcas nos indivíduos a longo prazo, e nisso também se relaciona nosso conceito de identidade, e por conseguinte em nossa cultura. O fragmento do conto intitulado como “Sobre perder alguém durante o isolamento: o velório virtual do meu avô” da escritora Leticia Galan Gaducci expõe como se dá a nova rotina de vida online:

Se tem que ir pra rua, aplicativo. O Seu Geraldo lá do ponto de táxi já até virou Uber. Nunca dei sorte de pegar corrida com ele – saudade do Seu Geraldo. Se vou de ônibus, o app avisa que horas vai passar. O jornal de domingo? Assinatura digital. Sábado à noite? O amigo antigo liga por Skype – damos risada, porque hoje se usa é Jitsi Meet, Zoom, Whereby e tantos outros que já nem lembro. E não precisa, tem Google. Namorado novo? OkCupid. Fazer networking? LinkedIn. Protestos? Clickativismo – e dá-lhe “tuitaço”. Depois posta-se tudo no Face: de fakenews às fotos daquela viagem com cada parada minuciosamente planejada graças ao Google Street View – foi tão déjà vu... Tem até uma corrente circulando por aí pra marcar um café de verdade com aquele amigo virtual que a gente mal conhece. (GADUCCI, 2020, p.88)

A partir das crônicas e suas narrativas apresentadas, se contesta que as imagens e representações do mundo como conhecemos foram alterados nesta pandemia. Não nos relacionamos como antes, isto é induzido pelas mudanças que estão ocorrendo. No atual

cenário, se quisermos ir à praça encontrar nossos amigos estaremos colocando à nossa vida em risco, podendo ser contaminado pelo vírus. Por este motivo as nossas relações estão acontecendo por intermédio da tecnologia, o que nos desloca, nos fragmenta, levando em conta que o homem foi configurado a partir dos encontros presenciais, entretanto, como este acontecimento torna-se inviável em uma pandemia, o sujeito percebe um estranhamento em tudo, e tudo se apresenta de forma diferente

Portanto, com o mundo deslocado, os discursos produzidos a partir disso tendem a nos deslocar também, porque estes embates nos proporcionam novos conceitos, significados e acepções em nossa existência. Destarte, conclui-se que a pandemia está alterando a nossa identidade, atribuindo novas visões e vivências ao nosso entendimento das coisas. Posto isso, olhando de um modo ampliado, essas mudanças afetam também a nossa cultura, nosso imaginário.

2.2 - AS CRISES E A SOCIEDADE DE RISCO

No que pese o mundo já ter passado por outras pandemias, esta é a primeira que assola em escala global as noções de sociabilidade. No inconsciente coletivo, é sabido que o cenário pandêmico desencadeia crises, todavia, a vivência desse período é mais artilosa do que o conhecimento teórico permite imaginar.

Diante disso, dos aprendizados que ficam diante de um contexto caótico, consolida-se a necessidade de preparação para possíveis situações análogas, considerando que vivemos em uma sociedade de risco. Nesse viés, o sociólogo Ulrich Beck em sua obra “Sociedade de risco” (1986) discorre sobre como a modernidade neoliberal está propensa à riscos: “Na modernidade tardia, a produção social de riqueza é acompanhada sistematicamente pela produção social de riscos” (BECK, 1986, p.23). Boaventura de Sousa Santos em “A cruel pedagogia do vírus” também reforça este pensamento:

(...) à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do setor financeiro, o mundo tem vivido em permanente estado de crise. (SANTOS, 2020, p.4)

Nesse contexto, infere-se que os riscos intrínsecos à sociedade se intensificam na vida daqueles que, pela imposição do sistema vigente, possuem menos recursos financeiros –

dentro do capitalismo, a classe dos trabalhadores. Assim, o contexto pandêmico associado aos riscos iminentes à existência numa sociedade capitalista neoliberal ocasiona o alargamento das desigualdades, uma vez que os que possuem mais recursos, às custas dos que possuem menos, atenuam os efeitos das crises vigentes (econômica e sanitária). Corroborando com a ideia exposta, o site El país divulgou que nesta pandemia as maiores fortunas do planeta dispararam:

O coronavírus enxugou as economias de milhões de famílias, mas não as dos mais ricos. O ano terminou com lucros para a imensa maioria deles, já que apenas 3 das 20 pessoas mais ricas do planeta viram sua fortuna diminuir neste ano. No seu conjunto, esse grupo de bilionários chegou ao final de 2020 com um patrimônio conjunto que soma 1,77 trilhão de dólares (8,83 trilhões de reais, aproximadamente o valor do PIB brasileiro). A cifra é 24% superior à de um ano atrás, segundo o índice Bloomberg. (PÉREZ e ARANDA, 2021, p.1).

Percebe-se, diante disso, que enquanto muitos estão passando fome ou sem a certeza de que terão alimento para o dia seguinte, os donos dos meios de produção continuam acumulando riqueza. Através do fragmento de crônica abaixo exposto, Cleyton Moura exprime esse pensamento:

Eis nosso cenário: governo, alimento e ar vão se rarefazendo ao longo das semanas e não sabemos se nossos suprimentos (de todos eles) serão suficientes, ainda mais porque ninguém sabe até onde essa pandemia vai. Com um futuro assim, só sobrou aquela velha tábua de salvação, tão disponível e, portanto, tão esquecida: o agora. (MOURA, 2020, p.100)

De mais a mais, outro ponto que faz com que o capitalismo ofereça riscos à sociedade está no fato de que esse sistema é ligado a produção em massa, a qual não respeita os limites impostos pela natureza. Essa exploração constante resulta em grande degradação ambiental, da qual humanidade já está colhendo os frutos como: aquecimento global, mudanças climáticas, elevação dos oceanos, escassez de água e muitos outros. Todas essas catástrofes têm um impacto direto em nossa vida. Com tanto desgaste ecológico e tantas alterações no ecossistema, se não houver um planejamento para que se melhore a situação em que a terra se encontra, é provável que outras pandemias venham a ocorrer.

Agora, compreendendo que a sociabilidade impacta diretamente na construção da identidade cultural, conclui-se que os discursos que se concretizaram nessa pandemia configuram ricos objetos de estudo. Isso porque, as consequências do vírus estão para além da

questão da saúde física, ocasionando, também, sérios impactos na saúde mental, uma vez que toda a estrutura da sociedade foi abalada por ele. Assim, o papel da literatura se torna imprescindível, tornando-se o principal meio de exposição dessa nova construção identitária. Exemplificando, traz-se a crônica intitulada de “Dos males, os mares” da escritora pernambucana Raissa Gouveia de Melo Efrem, na qual ela expõe a história de um casal que por conta do desemprego precisa voltar à casa de seus pais, alterando sua forma de viver:

A primeira coisa que me aconteceu foi ser afastada do emprego, já que não tenho carteira assinada. Sem dó nem piedade recebi um belo “tchau, até depois que tudo isso passar”. Em casa, com uma mão na frente e outra atrás, apelei para aquele que mais pode: o Estado. O Auxílio Emergencial salvou a minha feira do mês. Mudei para a casa da minha mãe e o meu namorado voltou a morar com a dele. Resultado: menos de um mês de isolamento social e toda a minha estrutura familiar foi modificada. (EFREM, 2020, p. 78)

A partir da crônica percebe-se que ocorreu uma enorme modificação na dinâmica de vida de toda uma família, o que se tornou recorrente no Brasil assolado pelo COVID-19 e negligenciado pelo poder estatal. A partir disso, evidencia-se, mais uma vez, a forma que as crises que assolam a sociedade de risco possuem maior impacto na vida daqueles que não fazem parte da classe dominante. Conclui-se, então, que o vírus pode até chegar a qualquer um, mas seus impactos não são os mesmos para todos.

Por fim, ressalta-se que literatura é um espaço potente para registrar esse momento pandêmico, haja visto que a partir dos escritos se percebe as desigualdades vividas e acentuadas:

(...) existem aqueles que sequer sabiam o que estava acontecendo. “Por que está todo mundo usando máscara?”, um homem recifense em situação de rua perguntou na calçada de uma lanchonete. Um marginal. Um alguém que está tão à margem da sociedade que está alheio ao que acontece nela. Enquanto blogueiras/os tentam encontrar o lado positivo da quarentena desenhando mandalas e fazendo yoga, outras famílias não podem pedir um Ifood para ajudar o pequeno empreendedor; nem baixar o Caixa Tem para receber o auxílio: não podem ficar a menos de 2 metros de seus familiares em casa, porque moram 8 pessoas em 10m²; nem evitar que ambos usem o mesmo copo, porque só há um para dividir para todos. Como lavar as mãos, se naquele bairro não chega água? Esses efeitos não foram causados pela pandemia. São mazelas sociais que já existiam, mas agora estão acentuadas. (EFREM, 2020, p.78)

Essa realidade que fica em evidência promove discursos, que por sua vez marcam a identidade cultural do Brasil. Para além do samba, carnaval e futebol - os itens que marcam o

imaginário coletivo brasileiro - nossa identidade cultural possui outras características, pois antes mesmo da pandemia vivamos outras crises, uma espécie de crise orgânica, que nos acompanha há muito tempo, e a identidade cultural também versa sobre isso, pois a luta de classes, as desigualdades, as diferenças sociais também são discursos que nos identifica, que representa a vários brasileiros, e nesta pandemia eles estão cada vez mais em evidência, escancarados.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a identidade é uma construção inacabada, questiona-se como ela é trabalhada na pandemia. O artigo buscou discutir acerca dos discursos produzidos em pandemias e de como isso reflete em nossa identidade cultural. Hall afirmou que a identidade é composta por discursos e representações (HALL, 2006, p.50) e assim, os discursos pandêmicos de certa forma irá influenciar na nossa cultura, vale destacar que esses discursos da pandemia já existiam no imaginário coletivo, mas agora ele sofre um destaque maior para que não fique em dúvida as marcas e cicatrizes que existem no tocante à cultura, de modo que também se perceba que futuras crises, de caráter sanitário ou não, podem ocorrer novamente, todavia, em nossa identidade já haverá um certo conhecimento do que a mesma pode trazer como consequência. Essas percepções foram observadas a partir da literatura que serviu como o fundamento para que se analisasse os pontos aqui observados, e assim investigou-se sujeitos fragmentados e descentralizados onde a nova realidade social do “novo normal” os atravessa e produz sentidos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro . 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana : dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva / Fábio Almeida de Carvalho; Roberto Mibielli; Edgar Borges, Organizadores. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2020. 109 p. (Coleção Literatura de Circunstância; v. 1).

PEREZ, Gorka. ARANDA, José Luis. Pandemia faz maior fortunas do planeta dispararem. **Él país**. 01 de jan, 2021. Disponível em: Acesso em: 02 de maio, 2021

RINGEL, Felix. Como a pandemia mudou a nossa percepção do tempo. **Nexo**. 26 de jun, 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/06/26/Como-a-pandemia-mudou-nossa-percep%C3%A7%C3%A3o-do-tempo>>. Acesso em 02 de maio, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: editora almeida, S.A., 2020